ARTIGOS
ARTICLES
ARTÍCULO

Sigmund Freud e o sistema de crenças: uma delimitação

Sigmund Freud and the belief system: a delimitation

Sigmund Freud y el sistema de creencias: una delimitación

Gilson Xavier de Azevedo*

Felipe Fernandes Azevedo**

Carolina Teles Lemos***

RESUMO

O objetivo do presente artigo é o de fazer uma análise de duas obras do psicanalista Sigmund Freud, a saber: *Totem e Tabu* (1913) e *O Futuro de uma Ilusão* (1927), de modo a localizar nelas a noção desenvolvida pelo autor sobre o que situo aqui como a formação elementar de um Sistema de Crenças. Justifica-se a presente análise pelas investigações que venho desenvolvendo dentro das humanidades: Antropologia, Psicologia e Sociologia sobre o tema que tem inquietado meu pensamento por sua necessidade de teorização e conceitualização. O problema que proponho aqui é qual o real papel das crenças na formação da religião e sistema totêmico primitivo e como isso está articulado com a noção de futuro construída pela humanidade. A premissa básica é a de que ambos são estágios da construção do pensamento humano e de sua tomada de consciência do mundo. Trata-se de um estudo exploratório de caráter analítico. Espera-se, como referido, entender melhor o conceito de sistema de crenças dentro do pensamento de Sigmund Freud.

Palavras-chave: Freud; totemismo; futuro; religião; sistema de crenças.

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze two works by the psychoanalyst Sigmund Freud, namely: *Totem and Tabu* (1913) and *The Future of an Illusion* (1927), in order to locate in them the notion developed by the author on the Which I call here as the elemental formation of a System of Beliefs. It justifies the analysis presented by the investigations that I have been developing within the humanities: Anthropology, Psychology and Sociology on the subject that has disturbed my thinking by its necessity of theorization and conceptualization. The problem I propose here is what the real role of beliefs in the formation of religion and primitive totemic system is and how this is articulated with the notion of the future built by

* UEG. Pós-doutorado em andamento (Lusófona/Lisboa/PT). Doutor em Ciências da Religião pela PUC-GO. Mestre em Ciências da Religião pela PUC-GO (2012-2014 - BOLSISTA FAPEG).

** FAQUI. Graduado em psicologia pela UniRV (2013). Pós-graduando MBI em Competências e Coaching pelo IPOG Goiânia.

*** PUC GO. Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Umuarama (1989), mestrado em Ciências Sociais e da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1994) e doutorado em Ciências Sociais e da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1998).

mankind. The basic premise is that both are stages in the construction of human thought and its awareness of the world. This is an exploratory study of analytical character. It is hoped as referred to better understand the concept of belief system within the thinking of Sigmund Freud.

Keywords: Freud; totemism; future; religion; belief system.

RESUMEN

El objetivo del presente artículo es el de hacer un análisis de dos obras del psicoanalista Sigmund Freud, a saber: Totem y Tabú (1913) y El Futuro de una Ilusión (1927), para localizar en ellas la noción desarrollada por el autor Sobre lo que sitúo aquí como la formación elemental de un sistema de creencias. Se justifica el presente análisis por las investigaciones que vengo desarrollando dentro de las humanidades: Antropología, Psicología y Sociología sobre el tema que ha inquietado mi pensamiento por su necesidad de teorización y conceptualización. El problema que propongo aquí es cuál es el real papel de las creencias en la formación de la religión y sistema totémico primitivo y cómo está articulado con la noción de futuro construida por la humanidad. La premisa básica es que ambos son etapas de la construcción del pensamiento humano y de su toma de conciencia del mundo. Se trata de un estudio exploratorio de carácter analítico. Se espera que se entienda mejor el concepto de sistema de creencias dentro del pensamiento de Sigmund Freud.

Palabras clave: Freud; totemismo; futuro; religión; sistema de creencias.

Introdução

Os escritos de Sigmund Freud não tratam especificamente da religião, não são tratados de teologia, mas, assim como os sociólogos, Freud começa suas investigações pelas civilizações primitivas e, como tal, suas análises caracterizam-se por um sistema religioso de crenças que é fundante e existencial em si mesmo.

Por sua vez, esse sistema de crenças religiosas permitiu às civilizações orientarem-se no mundo que, após sua tomada de consciência, torna-se ainda mais vasto e ameaçador.

Por tais razões, tenho buscado investigar, por meio de alguns pensadores modernos da psicologia e da sociologia, o que venho tratando como sistema de crenças e, nesse fim, após ler os escritos de Freud que situam, como já mencionei, o universo das crenças primitivas e religiosas, optei por contemplar nesse artigo duas obras especificamente.

A primeira delas é *Totem e Tabu: alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos* (*Totem und Tabu: Einige Übereinstimmungen im Seelenleben der Wilden und der Neurotiker*). Nesse livro, de 1913, Sigmund Freud envia seus estudos de psicanálise na tessitura da arqueologia, antropologia e o estudo da religião. Por meio de análise dos autores Wilhelm Wundt e Carl Jung originalmente publicado no jornal *Imago* (1912-1913), Freud elenca as origens do Totemismo e o papel do tabu nessa construção.

Depois, penso o sistema de crenças a partir da obra *O futuro de uma ilusão* (*Die Zukunft einer Illusion*). Escrita em 1927, é nesta obra que Freud busca situar as origens da religião, seu desenvolvimento, psicanálise e crença no futuro.

A religião, em ambas as obras, é tratada pelo autor como um desdobramento do complexo de Édipo e representa o desamparo do ser humano no mundo e a ânsia por segurança no que ele chama de futuro. Uma vez que a morte é seu destino final, lida diariamente com as forças animais dentro e fora de si e com a natureza, extraindo destes os bens simbólicos essenciais à sua sobrevivência e permanência pelo máximo tempo possível.

O sistema de crenças humanas que abordo em minha interpretação a partir de Freud contempla, portanto, a ideia de um conjunto de elaborações mentais que cada um e todos os indivíduos fazem e que lhes permite exorcizar os terrores da natureza, reconciliar as pessoas com a crueldade do Destino e compensar-se pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum nos impôs.

As crenças em “Totem e tabu”

Assim como os demais trabalhos de Freud, *Totem e tabu* marcou a carreira do autor. Um trabalho que, na época, foi sucesso de crítica, ainda hoje é bastante consultado, pois é o traço arqueológico e antropológico de Freud.

Inicialmente, Freud analisa o sistema do Totemismo entre os aborígenes australianos, considerando que toda tribo possui um totem, e aqui se faz a primeira distinção dos humanos enquanto seres da crença, pois qual a razão do ser humano se identificar com a natureza, se não pelos traços de sua primitividade, buscando um igual no mundo. Lembrando que, nas épocas arcaicas, quando em um processo histórico, o ser humano toma consciência de si e dos demais elementos da natureza, nesse momento, aflora em sua mente o que vem se chamando de “sistema de crença”.

O homem ao fazer um totem, não o faz de nenhum dos quatro elementos da natureza (terra, fogo, ar e água), muito embora utilize tais símbolos em seu cotidiano. Freud ressalta que o homem também não utiliza uma planta ou qualquer outra força da natureza, mas, sim, animais.

O totemismo, essa religião sem deus, seria um caso exemplar para demonstrar a tese de que o traço distintivo do pensamento religioso em toda parte é o de representar o mundo “em dois domínios, um que compreende tudo o que é sagrado, e outro que compreende tudo que é profano” (DURKHEIM, 1982, p. 46).

Aqui se nota um elemento importante na construção do sistema de crenças, dado que, ao redor do totem, estão o incesto, o reconhecimento de si no mundo como ente diferente dos demais, além do fato de que o totem evoca o reconhecimento de sua animalidade, de seu parentesco com os animais, mas, sobremaneira, o reconhecimento de que existe no homem

uma carga emocional, passional, com uma força que merece ser notada e registrada, talhada na pedra ou madeira.

Em outro momento, Freud descreve brevemente o povo que estudara: os polinésios. Dentre as afirmações está a de que são um povo que não cultivava nenhum tipo de seres superiores a eles, além de não ter uma hierarquia como reis e outros papéis sociais. Nesse ponto, nota-se que Freud tem um olhar e uma crença sobre a primitividade desse povo, já que parece considerar esse e os demais elementos que ele lista.

Entre os australianos, o lugar das instituições religiosas e sociais que eles não têm é ocupado pelo sistema do ‘totemismo’. As tribos australianas subdividem-se em grupos menores, ou clãs, cada um dos quais é denominado segundo o seu totem. O que é um totem? Via de regra é um animal (comível e inofensivo, ou perigoso e temido) e mais raramente um vegetal ou um fenômeno natural (como a chuva ou a água), que mantém relação peculiar com todo o clã (FREUD, 2006, p. 8).

O totem é, para Freud, a expressão do imaginário social identitário da tribo ou clã, de modo que as crenças ali se articulavam entorno das forças pessoais e, sobremaneira, coletivas desse homem primitivo. Eram as crenças e a sua formação que erigiram o sistema social polinésio. Para Mezan (1995), *Totem e tabu* caracteriza-se como um mito político e, como tal, situa a psicanálise na tradição filosófica, a qual tem no contrato a origem da sociedade, servindo como garantia de certo equilíbrio social. O contrato procura responder à questão secular de como a força transforma-se em direito.

Mas a questão central, da qual Freud trata, é a do incesto. Toda articulação do sistema de crenças polinésio gira entorno do fato de que o totem é hereditário e as relações matrimoniais não só propagam o totem, como, também, o incorporam. Daí o fato de que casamentos com clãs proibidos eram punidos, caso ocorressem, com a morte do casal, ou pelo menos do homem e o espancamento da mulher, dado que esta poderia ter sido coagida.

Embora o incesto não fosse o suposto agente causal dos males que acometeriam o clã que desobedecesse às regras, serviu como crença limitante (parâmetro social de conduta, moral) para que a consanguinidade não extinguisse naquele momento os polinésios.

O segundo ponto abordado por Freud na obra em questão é o “tabu”, palavra de origem polinésia, que servia para expressar uma regra ou ordem dada a todo o clã, sem possibilidade de ser alterada. Uma espécie de “Cláusula Pétrea”.

O significado de ‘tabu’, como vemos, diverge em dois sentidos contrários. Para nós significa, por um lado, ‘sagrado’, ‘consagrado’, e, por outro, ‘misterioso’, ‘perigoso’,

‘proibido’, ‘impuro’. O inverso de ‘tabu’ em polinésio é ‘noa’, que significa ‘comum’ ou ‘geralmente acessível’. Assim, ‘tabu’ traz em si um sentido de algo inabordável, sendo principalmente expresso em proibições e restrições (FREUD, 2006, p. 19).

Não obstante, há que se perceber que as restrições do tabu são distintas das proibições religiosas ou morais, pois não têm origem em nenhuma divindade, mas, antes, são uma tradição, da qual não se sabe a origem, como afirma Freud, sendo aceitas como coisa natural.

Freud, então, passa a definir tabu, buscando fontes diversas. Deve-se ressaltar que, dentro do que ele cita, o tabu revela uma regra de inviolabilidade da vida, de proteção, resguardo de alguém, seja pessoa comum ou agente especial.

A punição pela violação de um tabu era, sem dúvida, originalmente deixada a um agente interno automático: o próprio tabu violado se vingava. Quando, numa fase posterior, surgiram as ideias de deuses e espíritos, com os quais os tabus se associaram, esperava-se que a penalidade proviesse automaticamente do poder divino (FREUD, 2006, p. 20).

Nota-se que o tabu, assim como o totem, são elementos poderosos na formação do sistema de crença polinésio e, portanto, no nosso também. “Essa palavra e o sistema por ela denotado dão expressão a um grupo de atitudes mentais e ideias que parecem realmente distantes de nossa compreensão” (FREUD, 2006, p. 21). Parece ser próprio do ser humano estabelecer regras simbólicas, limites para si e para outrem, realidade incomum no mundo animal que articula seu comportamento apenas em dois princípios basilares: alimentação e proteção que são, diga-se de passagem, a base de sua pirâmide de necessidades, pouco sujeita a crenças.

Citando Wundt (1906), Freud faz uma conceituação interessante sobre o tabu, de modo que esse, em sua origem, seria uma referência a algo demoníaco e que, por isso, não poderia ser tocado. De algo demoníaco, o tabu assume a condição de coisa impura. O capítulo continua com uma consideração importante e que relaciona a crença sem motivo no tabu, e a crença propositada:

A essa altura, uma advertência deve ser feita. A similaridade entre o tabu e a doença obsessiva talvez não seja mais que uma questão de circunstâncias exteriores; talvez se aplique apenas às formas pelas quais se manifestam e não se estenda ao seu caráter essencial [...]. O ponto de concordância mais evidente e marcante entre as proibições obsessivas dos neuróticos e os tabus é que essas proibições são igualmente destituídas de motivo, sendo do mesmo modo misteriosas em suas origens (FREUD, 2006, p. 24).

Percebe-se que o fator limitante do tabu não está nele em si, seja referente a coisas, animais ou pessoas, mas em uma espécie de crença de que esses elementos, tem algo de religioso e sagrado em si; são, por algum motivo, sagrados por um determinado tempo.

Depois, Freud estabelece todo um tratado sobre a neurose individual e coletiva que, ao que parece no momento, não cabe na discussão sobre o sistema de crenças que se quer estabelecer, dado que entraria na estrutura da saúde, a qual será tratada em outro artigo como tema central. Vale ressaltar que para Herzog e Farah (2005): “A discussão em torno de *Totem e Tabu*, cerca de quinze anos depois, caracteriza um diálogo paradigmático, uma revisão epistemológica e um confronto entre as premissas normativas do início da empreitada psicanalítica”.

Dentro do sistema de crença que o termo “tabu” encerra está sempre a proteção das coisas em si, dos animais e, sobretudo, dos seres humanos. O tabu deveria ser respeitado por todos, caso contrário, todo o clã estaria em risco.

O capítulo três aborda o tema do animismo (atitude mental de atribuir vida e pensamento às coisas, elementos da natureza e animais), magia e onipotência de pensamentos, sendo muito pertinaz ao que tem sido proposto discutir. Aqui, Freud analisa no ser humano a fase animista e narcisista associada com uma compreensão primitiva do universo e do desenvolvimento da libido.

O ser humano, para Freud, alimenta a crença de que a magia é uma força maior que a da mente que a cria. Tal sobrevalorização é identificada por ele tanto nos seres humanos primitivos, quanto nos neuróticos, o que propõe a compreensão de que, nos dois sistemas de crença, a fuga do real tem certo limite ligado ora ao desejo de se situar no mundo, ora ao desejo de fuga desse mundo; uma característica típica do homem moderno: “A necessidade prática de controlar o mundo que os rodeava” (FREUD, 2006, p. 61)

Freud trata de três crenças importantes presentes no animismo, a saber: o povoamento do mundo com seres espirituais bons e maus; tais seres são causa dos fenômenos; somos povoados desses espíritos. Tal aferição mostra que o entendimento freudiano sobre o animismo releva que os elementos que criamos para nos situarmos, como vem sendo dito, não precisam necessariamente serem verdadeiros, nem lógicos, e não é pelo fato de se usar tais elementos que estamos perto ou longe da neurose: “Essas almas que vivem nos seres humanos podem deixar suas habitações e emigrar para outros seres humanos; são o veículo das atividades mentais e são, até certo ponto, independentes de seus corpos” (FREUD, 2006, p. 59).

Citando Wundt (1906), Freud concorda que o animismo é uma fase natural e essencial do processo totêmico de criação do pensamento lógico e de concreção da realidade, donde conclui que o animismo é um sistema de pensamento ou, como se vem abordando, parte essencial do sistema de crença. A magia, o medo, a fantasia, a poesia, o desejo, o sonho, o devaneio, a expectativa, são fases ou elementos da formação do sistema de crenças. “Apesar do viés evolucionista do texto, *Totem e Tabu*, bem entendido, não declara que o problema da violência foi resolvido: não há dúvidas quanto à permanência dos desejos assassinos inconscientes do ser humano ao longo da vida” (HERZOG; FARAH, 2005).

Depois, Freud passa a considerar a magia e a feitiçaria como elementos que situam e mantêm o sistema de crenças humano em evolução. O homem cria a magia como forma de se impor sobre o mundo, as forças da natureza, o universo, os animais, as doenças, os homens.

Por fim, o capítulo trata da onipotência de pensamento que, segundo Freud, trata-se de uma superstição, uma ilusão em relação ao mundo externo, ou, antes, um desejo de que o mundo possa ser o que se pensa ou deseja: “as superstições que pratica na vida comum revelam a semelhança dele com os selvagens que acreditam poder alterar o mundo externo pelo simples pensamento” (FREUD, 2006, p. 67).

Ainda para Freud:

[...] a primeira imagem que o ser humano formou do mundo - o animismo - foi psicológica. Não precisou, então, de base científica, uma vez que a ciência só começa depois de ter-se dado conta de que o mundo é desconhecido e que, por conseguinte, tem-se de procurar meios para conseguir conhecê-lo (FREUD, 2006, p. 69).

Para o autor citado, o mito funda a realidade, ou seja, o pensamento e a crença no pensamento inauguram a crença de que se tem uma consciência do mundo à nossa volta. “A primeira realização teórica do ser humano – a criação dos espíritos – parece ter surgido da mesma fonte que as primeiras restrições morais a que se achava sujeito – as observâncias do tabu” (FREUD, 2006, p. 71).

Assim, a questão da consciência e sua formação indivíduo aparece com força ao final desse terceiro capítulo de *Totem e Tabu*. O homem torna-se capaz de acreditar que pode entender o funcionamento do mundo e de dominar seja pela magia, feitiçaria, ou depois, pela razão, toda esta arquitetura.

Quando nós, não menos que o homem primitivo, projetamos algo para a realidade externa, o que acontece certamente deve ser o seguinte: estamos reconhecendo a

existência de dois estados - um em que algo é diretamente fornecido aos sentidos e à consciência (ou seja, está presente neles) e, ao lado deste, outro, em que a mesma coisa é *latente*, mas capaz de reaparecer. Em resumo, estamos reconhecendo a coexistência da percepção e da memória, ou, em termos mais gerais, a existência de processos mentais *inconscientes* ao lado dos *conscientes*. Poder-se-ia dizer que, em última análise, o ‘espírito’ das pessoas ou das coisas reduz-se à sua capacidade de serem lembradas e imaginadas após a percepção delas haver cessado (FREUD, 2006, p. 71).

Parece ficar claro que o indivíduo só consegue se situar no mundo por meio de suas crenças; nesse caso, recobra-se a crença como pensamento limítrofe, limitado, parcial sobre o que quer evidenciar Freud como realidade e consciência. Percepção e memória são as matrizes criadoras de todo esse sistema.

Tais evidenciações aparecem também com força no quarto capítulo da obra em análise. Em “o totemismo na infância”, Freud constrói a percepção de que a crença, ao mesmo tempo em que se mostra como uma evolução do pensamento, traz consigo elementos do complexo de Édipo e de violência enquanto marca expressiva da animalidade do ser humano.

Apesar de o totem não ser necessariamente um deus, assume funções como tal em situações como proteção e avisos sobre o futuro próximo. A representação das forças psíquicas materializadas no totem, expressa uma busca humana de *nosce te ipsum*, de autoconhecimento.

O toteísmo surge após o surgimento da linguagem, tanto como uma prática de dar nome aos seres e coisas, quanto como forma de identificação do indivíduo com o mundo.

As características pessoais dos indivíduos, argumenta, induziram à ideia de chamá-los por nomes de animais e, por esse modo, adquiriram nomes laudatórios ou apelidos que foram transmitidos a seus descendentes. Em consequência da imprecisão e da ininteligibilidade da fala primitiva, as gerações posteriores interpretaram esses nomes como prova de descendência dos animais verdadeiros. Pode-se, assim, demonstrar que o totemismo constitui uma forma mais interpretada da veneração dos ancestrais (FREUD, 2006, p. 82).

Assim, o totem parece ser uma fuga, uma projeção, um sistema de crença baseado na troca simbólica de forças existenciais. Por meio do totem se dava a evocação das forças ancestrais, animais, naturais. O universo estaria, como foi citado, fundado e girando entorno de um ponto, de uma *imago mundi*: “um lugar seguro de refúgio em que alma podia ser depositada, fugindo, assim, aos perigos que a ameaçavam” (FREUD, 2006, p. 86).

Dentre as muitas origens possíveis para o toteísmo que Freud cita, parece peculiar a de Rivers (1909), segundo a qual, “a fonte suprema do

totemismo seria a ignorância dos selvagens a respeito dos processos pelos quais os seres humanos e os animais reproduzem suas espécies” (FREUD, 2006, p. 82), o que evidencia ainda mais o papel do totem como elemento, signo, sinal, significante e significado de compreensão do mundo exterior.

Por fim, entende-se que o totem cumpriu seu papel de historicamente situar o discurso humano no mundo, bem como sua compreensão e sua iniciativa de tomada de consciência. Ao final dessa primeira análise dos escritos de Freud, há que se pensar nas outras abordagens do autor, conforme citou-se na introdução, e perceber as formas de compreensão humana, que nada mais foi que buscar entender esse vasto universo que é o sistema de crenças.

As crenças em “O futuro de uma ilusão”

Tratar de sistema de crenças em Freud é uma tarefa desafiadora, dado que o psicanalista ateu não trata vastamente de assuntos sobre religião. Inicialmente, na obra “*O futuro de uma ilusão*” (1927), Freud relaciona a cultura à vida que se elevou acima das condições animais e se distinguiu da vida dos bichos (1927, p. 22). À medida que estabelece suas relações com outros humanos, o indivíduo procura satisfazer seus impulsos.

Não obstante a cultura ser um produto humano, ela está contra o não-humano, o animal, o selvagem, de modo que o indivíduo também se contrapõe à cultura. Sendo a cultura um bem simbólico, o indivíduo precisa inicialmente crer no que está estabelecido, antes mesmo de seu nascimento, ou trabalhar na construção de uma nova crença.

A questão decisiva consiste em saber se, e até que ponto, é possível diminuir o ônus dos sacrifícios instintuais impostos aos homens, reconciliá-los com aqueles que necessariamente devem permanecer e fornecer-lhes uma compensação. É tão impossível passar sem o controle da massa por uma minoria, quanto dispensar a coerção no trabalho da civilização, já que as massas são preguiçosas e pouco inteligentes (FREUD, 2010, p. 24).

A renúncia instintual parece ser a primeira etapa de uma construção simbólica da crença, dado que há uma substituição do instinto pelo intelecto quanto ao agir e ao situar-se no mundo. Freud parece considerar que já nascemos com uma cultural animal, ou antes, um jeito próprio e natural de lidar com o mundo; com o tempo, apenas substituímos isso pela educação e pela convivência. De acordo com o próprio Freud (2010, p. 27): “O primeiro passo consiste em distinguir entre privações que afetam a todos e privações que não afetam a todos, mas apenas a grupos, classes ou mesmo indivíduos isolados”.

Freud parece indicar que as crenças que tornam a cultura sólida surgem a partir de privações particulares ou coletivas. Cada criança que nasce traz consigo os mesmos e primitivos desejos que qualquer indivíduo comum tem

e reprime, e elas também aprenderão ou serão coagidas a fazer o mesmo. “Toda criança nos apresenta esse processo de transformação; é só por esse meio que ela se torna um ser moral e social” (FREUD, 2010, p. 29).

Desse modo, a cultura deve servir ao máximo de indivíduos, mas, para isso, o máximo de indivíduos deve estar de acordo com a maneira que se deve comportar e educar seus filhos para o meio social. “Não há dúvida de que alguém pode ter sido um plebeu infeliz, atormentado por dívidas e pelo serviço militar, mas, em compensação, não deixava de ser um cidadão romano, com sua própria quota na tarefa de governar outras nações e ditar suas leis” (FREUD, 2010, p. 31).

Se o primeiro elemento de formação do sistema de crenças cultural para Freud é a privação, o segundo, e mais fortemente simbólico, é a arte.

Como já descobrimos há muito tempo, a arte oferece satisfações substitutivas para as mais antigas e mais profundamente sentidas renúncias culturais, e, por esse motivo, ela serve, como nenhuma outra coisa, para reconciliar o homem com os sacrifícios que tem de fazer em benefício da civilização. Por outro lado, as criações da arte elevam seus sentimentos de identificação, de que toda unidade cultural carece tanto, proporcionando uma ocasião para a partilha de experiências emocionais altamente valorizadas (FREUD, 2010, p. 31).

Como se pode intuir, a arte é a liga e o amálgama das crenças humanas que formam a cultura. Primeiro o ser humano cria o símbolo, a arte, depois ele passa a crer no que criou e, por último, internaliza aquilo como parte de si e de seu cotidiano.

É possível notar isso no item três do livro “*O futuro de uma ilusão*”, quando Freud trata do valor especial das ideias religiosas. O princípio básico do “não matará” é puramente religioso e cultural, dado que não há na natureza esse tipo de proibição, de modo que ou você mata ou morre.

Ao considerar que a vida não é fácil de suportar, Freud faz nova menção às privações, às quais todos estamos sujeitos. A cultura em momento algum nos defende na natureza e, à medida que a vida e o universo são despidos de seus terrores, acontece a humanização da natureza.

As projeções que fazemos nos deuses que criamos dão um relato de como o indivíduo sonha, em seu sistema de crenças, com a vida livre das amarras sociais. Mesmo na questão do erro, uma vez que os deuses é que criavam o destino, poderiam errar tranquilamente, pois eram dominadores da moral.

Ficou sendo, então, tarefa dos deuses nivelar os defeitos e os males da civilização, assistir os sofrimentos que os homens infligem uns aos outros em sua vida em conjunto

e vigiar o cumprimento dos preceitos da civilização, a que os homens obedecem de modo tão imperfeito. Esses próprios preceitos foram creditados com uma origem divina; foram elevados além da sociedade humana e estendidos à natureza e ao universo (FREUD, 2010, p. 37).

Freud, ao final do tópico três, considera a existência humana como parte de uma totalidade. Alimentamos a crença de que há um propósito claro e certo para a vida, para o mundo e estamos em aperfeiçoamento, diz o psicanalista. Para ele, a maioria das pessoas liga a questão existencial a um sentido e fim: “As pessoas sentem que a vida não seria tolerável se não ligassem a essas ideias o valor que é para elas reivindicado” (FREUD, 2010, p. 39).

Para Freud, as ideias religiosas e, portanto, o sistema de crenças, têm origem na necessidade que temos de nos impor contra a força avassaladora da natureza. Parece estranho, mas o ser humano é o único animal que tem consciência aparente de sua existência. “Essa própria apresentação faz parte do sistema religioso e ignora inteiramente o desenvolvimento histórico conhecido dessas ideias e suas diferenças em épocas e civilizações diferentes” (FREUD, 2010, p. 41).

Freud, que concebe a religião e a necessidade de Deus como um ato infantil, entende também como infantil nossa tentativa de personificar as forças da natureza. No já mencionado *Totem e Tabu*, Freud é incisivo em afirmar a religião como manifestação humana de um sistema de crenças que vê o mundo como ameaçador.

Poderá você, segundo qualquer dos pontos de vista que lhe são conhecidos, explicar o fato de que a primeira forma pela qual a divindade protetora se revelou aos homens teve de ser a de um animal, que tenha havido uma proibição contra matar e comer esse animal, e que, não obstante, o costume solene tenha sido matá-lo e comê-lo comunalmente uma vez por ano? É exatamente isso que acontece no totemismo (FREUD, 2010, p. 42).

O ser humano, portanto, é um ser do símbolo, simboliza tudo o que podemos. A criança simboliza a proteção na mãe que lhe fornece calor, alimento e sensação de segurança; simboliza a força do sagrado em Deus por meio do Pai castrador que se lhe impõe os limites desde a mais tenra idade, de forma que seu sistema de crenças vai sendo formado nos ditames da proteção e da regra e da regra como proteção e da proteção como regra primeira, da qual tem origem a ética e a moral.

Quando o indivíduo em crescimento descobre que está destinado a permanecer uma criança para sempre, que nunca poderá passar sem proteção contra estranhos poderes superiores, empresta a esses poderes as características pertencentes à figura do pai;

cria para si próprio os deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia sua própria proteção (FREUD, 2010, p. 44).

Para Freud, o contexto citado expressa que as ideias religiosas são, em sua essência, as crenças constituídas por todo e qualquer indivíduo em relação à realidade externa a ele, dado que fornecem informações sobre o que escolher, o que é melhor, quando, onde, por que.

Freud, em seguida, dá a entender que nossa educação tem por base nossas crenças e que o aprendizado também não passa disso. O indivíduo, sua identidade, sua moral, sua cultura, suas esperanças, tudo em um único edifício que são as crenças.

Se tudo aquilo que o ser humano acredita é verdadeiro porque lhe foi transmitido pelos seus antepassados, como afirmar isso se os antepassados eram bem mais ignorantes que a civilização atual? Para responder a isso, Freud analisa diversos escritos e crenças e identifica que as crenças são padrões mentais sujeitos ao espaço e ao tempo. Os graus variados de consciência vão, ao longo da história, alterando o sistema de crenças de um povo ou, antes, da humanidade inteira.

Se existe necessidade de uma revelação divina, isso é devido à obscuridade do mundo para o sujeito que o interpreta. Sejam as coisas reveladas sobre o mundo ou sobre cada indivíduo em particular, tudo tem sua origem na atividade mental individual ou coletiva.

As crenças religiosas, para Freud, beiram o absurdo, quando se pede aos fiéis que creiam justamente nas afirmações da fé pelo fato de essas não terem uma explicação plausível. Nesse caso, o sagrado torna-se mais impetuoso que a mente profana.

O governo benevolente de uma Providência divina mitiga nosso temor dos perigos da vida; o estabelecimento de uma ordem moral mundial assegura a realização das exigências de justiça que, com tanta frequência, permaneceram irrealizadas na civilização humana; e o prolongamento da existência terrena numa vida futura fornece a estrutura local e temporal em que essas realizações de desejo se efetuarão (FREUD, 2010, p. 45).

Ao buscar explicar o universo das crenças no item V da obra, Freud faz questão de ressaltar que crenças são verdades e não ilusões; verdades que orientam os indivíduos em uma determinada época. Desse modo, esperanças podem ser tanto ilusões como crenças, dependendo dos referentes a que se recorre. Se crer nas verdades religiosas é uma questão de crenças mesmo, o ato de refutar tais diretrizes por parte dos céticos é algo que ocorre baseado no mesmo e análogo sistema de crenças.

Nossa civilização se ergue sobre elas e a manutenção da sociedade humana se baseia na crença da maioria dos homens na verdade dessas doutrinas. Caso se lhes ensine que não existe um Deus Todo-Poderoso e justo, nem ordem mundial divina, nem vida futura, se sentirão isentos de toda e qualquer obrigação de obedecer aos preceitos da civilização (FREUD, 2010, p. 51).

Freud dá a entender que a crença seria um produto dos intermináveis desejos humanos de conhecer o mundo; um produto fálico de penetração na realidade por ele vislumbrada.

Para Freud (2010, p. 66): “a religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade; tal como a neurose obsessiva das crianças, ela surgiu do complexo de Édipo, do relacionamento com o pai”. Isso significa que, para ele, nosso caminho inevitável é historicamente nos desvencilharmos da religião. Talvez Freud, por equiparar religião e sistema de crenças, não consiga desenvolver uma teoria mais abrangente sobre a ação do crer no indivíduo.

Se a crença é considerada como ilusão, de fato deverá ser abandonada e ou substituída por uma razão esclarecida, mas, ao contrário, se é uma condição mental, precisa ser conhecida. Por isso, ao comparar religião e neurose obsessiva, Freud dá a entender que a crença produz pensamentos obsessivos e nisso não incorre em erro, mas desconsidera que a mesma mente que, em condição de crença, produz tais pensamentos, também produz sentimentos de liderança, pró-atividade e empreendedorismo, que são elementos que alavancam a história.

Desse modo, acredita-se que as crenças não podem ser retiradas do indivíduo, apenas incorporadas, e que, por questão de valores, damos mais atenção a esta ou aquela crença. “O crente não permitirá que sua crença lhe seja arrancada, quer por argumentos, quer por proibições. [...] Que o efeito das consolações religiosas pode ser assemelhado ao de um narcótico” (FREUD, 2010, p. 72).

Ao iniciar o item X, Freud expressa todo o seu desejo e crença de que a humanidade se desvencilhe da religião: “Isso soa esplêndido! Uma raça de homens que renunciou a todas as ilusões e assim se tornou capaz de fazer tolerável sua existência na Terra! Entretanto, não posso partilhar de suas expectativas” (FREUD, 2010, p. 75). Contudo, não se dá conta de que fala da substituição de uma crença na crença por uma crença na razão, que também é fabricante de tais crenças e, aqui, pede-se ao leitor diferenciar crença (estado mental de associar-se ao mundo) de credence (crer em algo sem razão aparente, conforme exemplo de Freud, em “cegonhas”).

Se você quiser expulsar a religião de nossa civilização europeia, só poderá fazê-lo através de outro sistema de doutrinas, e esse sistema, desde o início, assumiria todas as características psicológicas da religião - a mesma santidade, rigidez e intolerância, a mesma proibição do pensamento - para sua própria defesa. Há que possuir algo desse tipo, a fim de atender aos requisitos da educação. E é impossível passar sem educação (FREUD, 2010, p. 75).

Desse modo, como foi tratado, não seria uma substituição, mas a incorporação de uma crença a outras já existentes. Para Freud (2010, p. 76): “permite um refinamento e sublimação das ideias que tornam possível para ela livrar-se da maioria dos resíduos oriundos do pensamento primitivo e infantil”. Não só a crença religiosa não permite ao indivíduo superar a infância, como as demais crenças socialmente construídas.

Interessante notar que, no encerramento de seu escrito, Freud lança mão novamente do conceito de crença do qual ele mesmo não se dá conta, nem se apropria:

Acreditamos ser possível ao trabalho científico conseguir um certo conhecimento da realidade do mundo, conhecimento através do qual podemos aumentar nosso poder e de acordo com o qual podemos organizar nossa vida. Se essa crença for uma ilusão, então nos encontraremos na mesma posição que você (FREUD, 2010, p. 80).

Por fim, ao retomar o presente escrito, assim como no tópico anterior, nota-se que, apesar de demonstrar noção das crenças, Freud não tinha consciência de como as conceber e estudar enquanto tal.

Conclusão

O pensamento de Freud, em *Totem e Tabu*, indicou segundo meu parâmetro de análise que as crenças humanas se formaram naturalmente dentro de um longo processo histórico.

O ser humano primitivo se destaca dos demais seres aos poucos e aos poucos também toma consciência de si, dos outros, do mundo natural, mineral e animal. Tal tomada de consciência só fora possível graças a uma qualidade que venho tratando como natural, a que chamo de Sistema de Crenças.

Nesta primeira obra analisada, Freud localiza o sistema de crenças como um processo de identificação e estabelecimento de regras que lhe dão a sensação de segurança e sentido existencial.

Depois, em *O futuro de uma ilusão*, Freud retoma a questão das origens da religião como um misto de *esperançamento* desse mundo e de projeção para o futuro. Ao mesmo tempo em que a religião se mostra como uma ilusão, ela também é sinal de esperança, de que a humanidade pode fazer planos e estabelecer-se de forma menos amedrontadora como acontece com os animais.

Nos dois casos, ou nas duas obras, nota-se que cada indivíduo possui crenças, ou seja, verdades que ele inventa, intui, projeta, sonha, espera que sejam verdades. Na busca de construir verdades, tais crenças são essenciais, embora não sejam estas verdades maiores que as crenças que as fundaram.

Optei por não confrontar o pensamento de Freud com outros na composição de um debate, por acreditar que se tratava de fato de isolar para estudo e averiguação, compondo, talvez mais tarde, um estudo mais amplo que enviesse outros autores.

Considero que a contribuição de Freud foi essencial para que se pudesse perceber o quanto as crenças, até mais que os mitos e os totens que elas estabelecem, tem caráter fundante. São uma espécie de alavanca entorno das quais gira o mundo e a compreensão humana.

Espero que a disseminação desta interpretação me ajude a encontrar outros pesquisadores que se proponham comigo a investigar, de forma mais vasta, esse grande universo conceitual a que chamo de Sistema de Crenças.

Referências bibliográficas

DURKHEIM, Émile. *Las formas elementales de la vida religiosa: el sistema totémico en Australia*. Madrid: Akal Editora, 1982.

FREUD, Sigmund (1996). *O futuro de uma ilusão*. 1927. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010.

FREUD, Sigmund. *Totem e tabu e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

HERZOG, Regina; FARAH, Bruno. *A psicanálise e o futuro da civilização moderna*. Psychoanalysis and the future of the modern civilization. *Psyche*, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 49-64, dez. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 jul. 2017.

MEZAN, Renato. Um mito científico. In: *Freud, pensador da cultura*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Submetido em: 27-7-2017

Aceito em: 28-11-2017